

A FORMAÇÃO ESCOLAR NO ÂMBITO DA PESQUISA CIENTÍFICA: QUADRINIZAÇÃO DA GEOGRAFIA DA DESIGUALDADE

Beatriz Vítório Melo Silva¹
Carlos Eduardo de Araújo Silva²
Hellen Beatriz dos Santos Oliveira³
Josias Silvano de Barros⁴

RESUMO

Este artigo consiste em apresentar os resultados do projeto de pesquisa *A quadrinização da Geografia da vida: espaços de vulnerabilidade e protagonismo juvenil em cena*, materializado no IFPB, campus Esperança, com alunos do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, entre meados de 2020 e início de 2021, decorrente do edital 01/2020, chamada Interconecta IFPB. O principal objetivo do projeto foi desencadear espaços de autonomia e protagonismo ao jovem, a partir e com o uso de HQs e animações em vídeo, diante da construção de leituras críticas e participativas de cenas da realidade socioespacial em diferentes escalas geográficas, com o intuito de reconhecer as vozes do subalterno e da subalternidade. Em termos metodológicos, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, ancorada em rodas de conversas, leituras de livros e reflexões respaldadas em textos de natureza científica, assim como análise de quadrinhos, vídeos, imagens e dados sobre a Geografia da desigualdade de sujeitos que vivificam espaços marginalizados. A nossa compreensão é de que o cenário de preconceito e silenciamento social no qual a subalternidade está imersa perpassa a dimensão espacial e chega à linguagem quadrinizada e audiovisual. Partindo desse pressuposto, decidimos abordar não só a temática da segregação socioespacial e a violação de direitos humanos, mas também da negritude, criando charges, tirinhas e um protótipo de animação em vídeo focalizando o racismo e reconhecimento da Geografia de luta do povo negro.

Palavras-chave: Linguagem quadrinizada. Geografia da desigualdade. Subalternidade.

INTRODUÇÃO

No contexto cultural hodierno, a dispersão socioeconômica (des)organiza a vida das pessoas cotidianamente. Em tal cenário, a escola se torna o espaço privilegiado para a integração social, de modo que se construa e produza conhecimentos diante de contextos colaborativos de aprendizagem. Assim, os sujeitos podem participar e intervir no mundo de forma criativa, enquanto agentes e protagonistas de possibilidades de ação. Isso só é possível com investimentos na diversidade, na multiplicidade e não na uniformidade.

Nesta construção de sentido, entendemos que a educação precisa propiciar um ambiente plural e retirar os alunos do lugar desviante, da alienação e recolocá-los na cidadania, onde a paisagem é indefinida, mutável. Uma educação que atravesse padrões

¹ Técnica em Informática pelo IFPB, beatriz.vitorio@academico.ifpb.edu.br;

² Técnico em Informática pelo IFPB, eduardo.carlos@academico.ifpb.edu.br;

³ Técnica em Informática pelo IFPB, beatriz.oliveira@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFPB, josias.barros@ifpb.edu.br.

hierarquizados que se convergem em modelos uniformes de cultura e de povo, pois, as histórias não precisam ter, necessariamente, finais felizes, mas desfechos nos quais se verifiquem uma atuação social ativa, um protagonismo social mais evidente.

Em oposição a abordagens menos solidárias e compartimentadas, descomprometidas com o cotidiano e a formação do aluno, o engajamento do ensino na concepção das diferentes vozes sociais revela a preocupação com quem e para quem se aprende, com a formação de seus conhecimentos e atitudes para problematizar questões ligadas ao mundo atual. No caso, a escola tem o papel de propiciar um ensino que favoreça o reconhecimento do sujeito no mundo por meio de uma leitura socioespacial mais complexa, redefinida por saberes construídos nas relações cotidianas, na multiplicidade de olhares e alhures.

Partindo dessas premissas, desenvolvemos o projeto de pesquisa intitulado de “A quadrinização da Geografia da vida: espaços de vulnerabilidade e protagonismo juvenil em cena”, decorrente da chamada Interconecta 01/2020, realizado no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus Esperança, com alunos do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, com início no mês de julho de 2020 e finalização em março de 2021. O seu objetivo central foi desencadear espaços de autonomia e protagonismo ao jovem, a partir das representações sociais presentes nas Histórias em Quadrinhos (HQs) e animações em vídeo, diante da imagem do subalterno e da subalternidade, com inclinação às cenas da Geografia da vida – no sentido de lugar onde a vida acontece em sua multiplicidade e complexidade.

Enquanto integrantes do projeto de pesquisa⁵, analisamos questões relacionadas ao crescimento urbano que vigorou no Brasil e fizemos uma busca por dados estatísticos sobre desigualdade social. A partir disso, nos debruçamos sobre temáticas voltadas à segregação socioespacial, violação de direitos e, também, a questão da negritude, e desenvolvemos duas charges e duas tirinhas. Na sequência, roteirizamos e criamos algumas ilustrações para uma animação em vídeo sobre Dandara dos Palmares, símbolo de resistência negra no Brasil.

Mediante as informações apresentadas, o presente artigo visa expor os resultados do projeto de pesquisa supracitado e provocar reflexões acerca da Geografia da desigualdade a partir de várias vertentes, tendo em vista a versatilidade e o caráter multidisciplinar da linguagem quadrinizada e o trato com as questões geográficas que balizam a dimensão étnico-racial e a segregação das pessoas no espaço urbano-social.

⁵ Coordenador: Josias Barros; Orientador: Berttony Nino; Colaborador: Suemilton Nunes; Bolsistas: Carlos Eduardo de Araújo e Hellen Beatriz dos Santos; Voluntários: Beatriz Vitória e Edvan Júnior.

METODOLOGIA

O nosso projeto de pesquisa ancorou-se nos estudos das abordagens qualitativas em educação. Partimos de estudos de textos científicos focalizando o uso dos quadrinhos no contexto da educação, por acreditarmos, conforme Vergueiro (2005), que a relação entre textos e imagens apresenta uma facilidade de compreensão daquilo que se pretende analisar e proporciona abordagens culturais e sociais que possibilita ao contexto educacional práticas pedagógicas que podem permitir ao professor propor atividades que contribuirão para formação leitora (de vida e de mundo) de seus alunos de modo a desenvolver a função social da escola. Fizemos análise de vídeos, gráficos e imagens sobre a Geografia da desigualdade dos sujeitos marginalizados no contexto socioespacial.

Com base na análise dos dados quantitativos presentes nos gráficos presentes no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificamos os sujeitos subalternizados de nossa sociedade e elegemos as temáticas a serem abordadas em nossos quadrinhos, uma delas foi a negritude, tendo em vista o histórico cenário da Geografia da desigualdade e do preconceito sociocultural. Fizemos, ainda, uso e reflexões de músicas disponíveis em plataformas digitais, a exemplo de “Dandara⁶”, de Bia Nogueira, “Dandara⁷”, de Vanessa Borges e “Dandara⁸”, de Nina Oliveira. Também problematizamos vídeos como “Guerra e libertação: a história de Dandara dos Palmares⁹”. Ademais, realizamos a leitura do livro “As lendas de Dandara”, de Jarid Arraes, e dentre outros gêneros textuais e midiáticos, cujas temáticas circulam entre as questões étnico-raciais na perspectiva da negritude.

O nosso percurso metodológico aportou na elaboração de uma charge e uma tirinha sobre segregação socioespacial, além da confecção de mais uma charge e mais uma tirinha sobre racismo e o mito do racismo reverso. Além disso, como forma de reconhecer e valorizar a luta e resistência negra, criamos um protótipo de animação em vídeo sobre Dandara dos Palmares, a mulher que ao lado de Zumbi dos Palmares lutou contra a estrutura escravocrata e racista da sociedade colonial brasileira, assim como, pela libertação integral do povo negro.

SEQUENCIANDO OS CAMINHOS TEÓRICOS

Trilhando os caminhos abertos da sociedade, pensamos a escola como um espaço plural que deve dar enfoque a multiplicidade de trajetórias culturais, sociais e geográficas

⁶ Link do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6fLZDSktKqw>

⁷ Link do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPLFVkkxC6n4>

⁸ Link do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vr7NIJbpf74>

⁹ Link do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOnUvmRnMw8>

dos sujeitos. Ou seja, um ambiente que possa promover rupturas e avanços na educação, de modo que o processo pedagógico retrate a união do viver com o aprender.

Pensar no ensino atual é pensar nas diversas formas de culturas que permeiam o espaço escolar. É quebrar o sentido unilinear da civilização. É pensar a cultura no plural, juntamente com Certeau (1995), e nas redes de subjetividades políticas e inventivas, com Carvalho (2013). É propiciar uma educação em que as particularidades sejam consideradas, sem desconsiderar os modos de compartilhamento e cooperação cultural. Assim, exigem-se dos sujeitos competências e habilidades que o hábito da leitura venha a favorecer, pois ao ler, o leitor desenvolve senso crítico e percebe-se protagonista da própria vida.

Para Assmann (2001), as organizações educacionais devem se empenhar para tornassem espaços de ambientação coletiva de experiências de aprendizagens e criar climas organizacionais propícios às experiências e formas de conhecer que funcionem como ecologias cognitivas: “Esforços individuais isolados não criam aprendizagens coletivas. Foi a tomada de consciência disso que foi amadurecendo temas como o da *inteligência coletiva*” (Ibid., p. 93, grifo do autor). Para este autor, educar é criar situações de aprendizagens nas quais os alunos despertem para a própria experiência do conhecimento.

Neste viés, consideramos que os saberes e as culturas se interlaçam, criam redes de invenções e teias que se inter cruzem num emaranhado, configurando múltiplas composições de sentido. A partir das ações cotidianas, redesenham um saber coletivo, com sentimentos e emoções comuns. Essas ações podem ser percebidas a partir das HQs enquanto espaços de vozes marginalizadas, como a do sujeito subalternizado, que protagoniza lugares de margem. E o pode esse subalterno falar? Spivak (2010) considera que, em se tratando das margens (centro silencioso e silenciado), enquanto estratos mais baixos da sociedade, se os sujeitos sociais tivessem oportunidades, fariam e (re)conheciam suas condições. A autora diz que não, que não pode falar, tendo em vista os estorvos que o discurso marginal e periférico, entre outras denominações, encontra em meio ao monólogo do discurso hegemônico.

Spivak (2010) parte de tal problematização por considerar que, quase sempre, a voz do subalterno e dos ecos que ressoam dos espaços de subalternidade é intermediada por outrem, após recorrer ao discurso hegemônico de falar pelo outro. Para nós, ao pensar a margem dos espaços geográficos, as questões como elucidação de fala, a legitimidade e autoridade dos sujeitos, as HQs apresentam-se como um mecanismo em que vozes da marginalidade e da ação de trabalhar contra a subalternidade se articulam e são ouvidas.

Discutir o subalterno e a subalternidade nesta perspectiva é abrir novos horizontes que possibilitem problematizar uma educação voltada às demandas contemporâneas de singularidades e multiplicidades de minorias e/ou majorias socialmente atuantes. Até porque “a brutalidade manifesta de certas qualificações – que seriam excluídas do uso ordinário onde ‘servil’ por exemplo cede lugar a ‘humilde’ (os humildes) ou o ‘modesto’ (as pessoas ‘modestas’) – não se deve enganar.” (BOURDIEU, 2013, p. 219).

É profícuo ressaltar que as HQs sempre passaram por transformações. Inicialmente, foram publicadas em jornais, em seguida, vieram os primeiros suplementos e revistas, até apresentarem as características atuais, como os balões e as onomatopeias. Com o sucesso de alguns personagens, as HQs tornaram-se mundialmente conhecidas, conquistando gerações. Apesar do reconhecimento alcançado nos dias atuais, os quadrinhos já foram alvo de preconceito por parte da sociedade, que proibia sua leitura em escolas e sua entrada em bibliotecas. Ao longo da história, os quadrinhos foram rompendo barreiras, tornando-se um gênero textual bastante lido para entretenimento e utilidade didática.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997, p. 57 – 58), uma prática de leitura na escola pressupõe um trabalho com diversidade de objetivos, modalidades de textos que caracterizem a prática de leitura de verdade. Assim, formar leitores é algo que requer não se restringir apenas a recursos e materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz do livro e materiais impressos é um aspecto determinante da prática e do gosto pela leitura. Luyten (1985, p. 79) afirma que “é de grande importância estimular a consciência crítica, a partir da leitura dos quadrinhos, para explorar as discussões sobre a realidade brasileira e o meio em que vivemos”. Com isso, é possível promover estudos temáticos com HQs, levando em consideração o tempo e o ritmo de aprendizagem dos alunos.

Outro modo de formação escolar que consideramos relevante é a partir dos recursos audiovisuais, como as animações em vídeo, pelo fato de que elas não somente oferecem uma interatividade que direta ou indiretamente estimula a participação social e o pensar crítico, mas também constitui um poderoso mecanismo didático-pedagógico. Nas palavras de Moran (1993, p.2 *apud* PAZZINI e ARAÚJO, 2013, p.5), o vídeo é:

Sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades em outros tempos e espaços [...]

Ao apresentarmos um estudo voltado para práticas educativas baseadas em HQs e animações em vídeo sobre o subalterno e a subalternidade, temos a possibilidade de refletir sobre fatores para uma sociedade plural, voltando-se, principalmente, para a necessidade educacional de fomentar uma leitura crítica e participativa dos diferentes sujeitos que compõem a sociedade. Portanto, pensamos ser relevante discutir os contextos sociais e culturais que permeiam o espaço escolar que colaboram para o uso dos quadrinhos em diferentes contextos sociais, possibilitando na formação crítica diante de uma prática pedagógica em que as vozes da subalternidade são vistas e ouvidas.

ENTRE TEXTOS E IMAGENS, ALGUMAS DISCUSSÕES

Sabendo que no Brasil a apropriação do espaço geográfico sempre esteve fundamentada nos moldes de produção capitalista e na luta de classes, refletimos sobre os motivos das nossas cidades materializarem tanta desigualdade em seus diferentes espaços. Com base nisso, começamos a pesquisar dados estatísticos sobre desigualdade social no site do IBGE, focalizando informações que pudessem apontar dados sobre a pobreza, a violência, a segregação, a ocupação de cargos gerenciais nas empresas e a representatividade social.

A partir das nossas análises e reflexões dos dados, percebemos que existem significativas segregações sociais e espaciais quando direcionamos o nosso olhar a questão racial na perspectiva negra, além de percebermos a existência de uma desigualdade de gênero muito evidente no Brasil, principalmente, no que tange a representatividade política e a ocupação de cargos de gerência em empresas. Também verificamos a existência de uma forte tendência a contextos de violências que a maior parte da população negra do nosso país está imersa. De modo geral, alguns dos sujeitos subalternos que identificamos foram o indígena, a mulher, o morador de rua, o homossexual, o negro, a pessoa com deficiência, dentre outros.

Para produzirmos a nossa primeira charge e tirinha sobre a Geografia da desigualdade, direcionamos o nosso olhar sobre a segregação socioespacial e a violação de direitos básico de existência, como a falta de moradia digna e as condições de infraestrutura precárias. Por isso, buscamos estudar sobre como se deu a questão da desigualdade socioespacial no Brasil. Aportamos no crescimento urbano, tendo em vista os modos desordenados, distintos e desiguais da maior parte das cidades brasileiras, como se identifica no processo de ocupação de espaços da precariedade, de ambientes de risco, como encostas e morros, configurando o processo de favelização. Em todo caso, não reduzimos a favela ao estigma de ser um lugar com pouca infraestrutura, que possuem problemas econômicos, tráfico e/ou violência, como é difundido pelo senso comum e pelas mídias. Optamos por abordá-la e representá-la como um

local que abriga uma grande multiplicidade de pessoas, de diversidade cultural e artística que muitas vezes é marginalizada. E foi por entre essas colocações que desenvolvemos uma charge sobre favelização e segregação, conforme se pode observar na figura 1.

Figura 1: Charge sobre favelização e segregação.



Fonte: Arquivo do projeto.

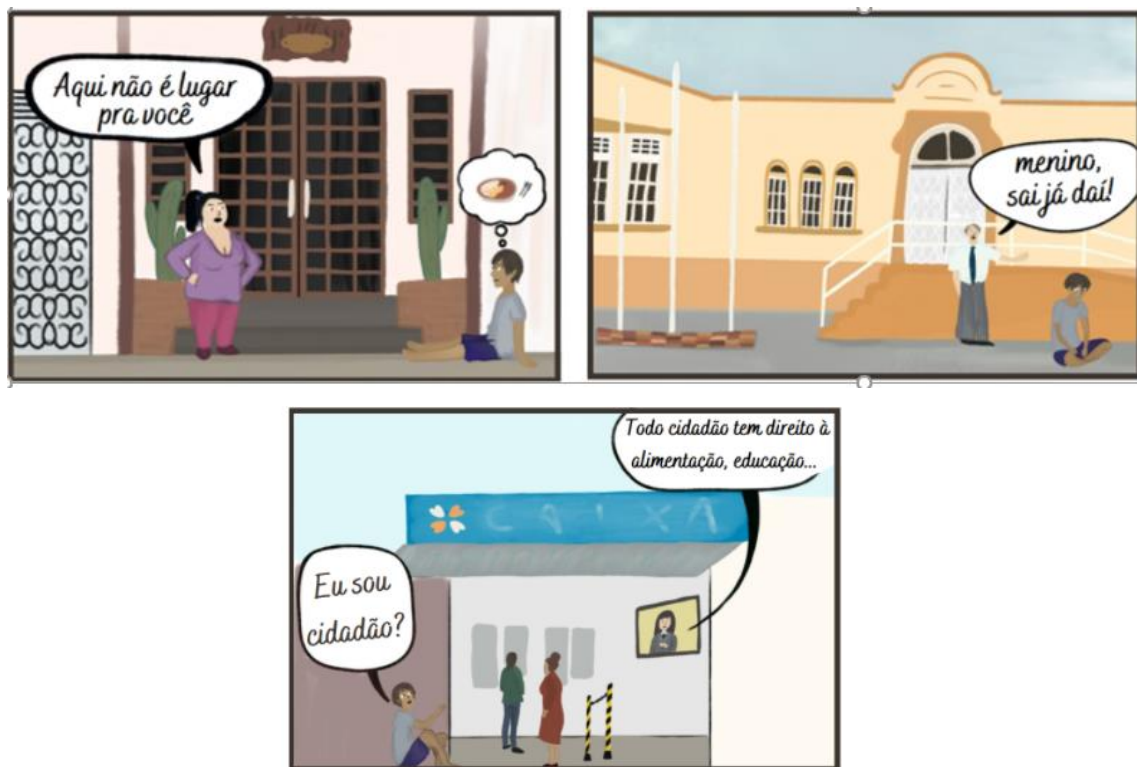
Nesta charge, é ilustrada uma família que, com a ajuda de um guia turístico, está visitando a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e de forma distinta do convencional, os personagens estão andando pela parte sul do Cristo Redentor, se deparando com a favela, que segundo o guia turístico “nem é interessante, não é nada”. A escolha do cenário no qual a narrativa se encena foi escolhido porque notamos que ao pesquisarmos sobre o “turismo na cidade do Rio de Janeiro”, na internet, apenas as partes tidas como bonitas são mostradas, reduzindo o potencial turísticos de outros espaços, como as favelas. Por meio dessa charge, almejamos problematizar a marginalização espacial infligida pelo Estado, pela sociedade e pela própria mídia, que tentam apagar ou silenciar tais espaços, negligenciando suas potencialidades e reafirmando uma desigualdade geográfica e simbólica histórica.

Quando direcionamos o nosso olhar aos sujeitos que protagonizam lugares de margens nas cidades, vivificando situações de vulnerabilidade social, encontramos uma fotografia – no banco de dados de imagens do projeto de extensão *Memória e espaço da cidade: narrativas, oralidade e cotidiano de Esperança-PB*, inscrito no Edital nº 09/2018 - PIEC 2018, desenvolvido no ano de 2019, com estudantes do ensino médio integrado do IFPB, Campus Esperança – de um jovem sentado à porta de um estabelecimento econômico, em que a

posição social do indivíduo se insere num contexto de invisibilidade, perante o movimento das pessoas cotidianamente não o enxergar, ou quando o enxergarem, normalmente ser porque aconteceu algo que as incomodou, cujas situações desiguais se naturalizam nas ruas.

Inspirados na fotografia, elaboramos uma tirinha (figura 2) para tentar evidenciar a situação de rua presente no cotidiano social da cidade de Esperança.

Figura 2: Tirinha retratando o morador de rua enquanto invisível social.



Fonte: Arquivo do projeto.

Na tirinha, é ilustrada a situação de um jovem morador de rua que tenta acessar alguns estabelecimentos da cidade. Nos dois primeiros quadrinhos, o jovem está de frente a um restaurante e a uma escola, mas rapidamente é expulso, pois as pessoas não o aceitam naqueles locais. Já no último quadrinho, ele está em frente a uma lotérica, pedindo dinheiro as pessoas que estão saindo, sendo que, no interior do estabelecimento, há uma TV ligada, em que está se veiculando uma reportagem sobre os direitos sociais do cidadão (moradia, alimentação, educação, etc.), diante disso, o jovem se questiona e ao mesmo tempo convida o interlocutor a se questionar sobre Geografia das desigualdades, tão presentes em vários espaços sociais.

Quando nos reunimos para discutir, mais uma vez, sobre a Geografia da desigualdade dos lugares e dos sujeitos, percebemos que o negro é um dos sujeitos que mais se destacava negativamente. No caso dos indicadores sociais presentes no site do IBGE (2018), quando se

refere à pobreza, à violência, ao encarceramento e à falta de representação política, percebemos que os negros representam 70% da população que vive em situação de extrema pobreza, são mais de 67% da população encarcerada (DEPEN, 2014), e representam apenas 20% dos deputados eleitos na eleição de 2016, embora sejam 54% da população brasileira.

Compreendemos que esses dados estão diretamente ligados à herança histórico-cultural do nosso país, marcada por um preconceito e racismo inicialmente aplicado sob os povos nativos e, mais tarde, sob os povos africanos que, do século XVI até meados do século XIX, eram traficados, escravizados e torturados unicamente pelo fato de serem negros e negras. Essa estrutura que perdurou por séculos, sendo abolida apenas em 1888, com a promulgação da Lei Áurea, responsável por “libertar” as pessoas escravizadas. O problema foi que essa lei não proporcionou condições para que os recém libertos se inserissem na sociedade, e até hoje os remanescentes lutam por igualdade, territorialidade, direito à vida e dignidade humana. Nesse âmbito, criamos uma charge para questionar o racismo estrutural, conforme a figura 3.

Figura 3:Charge mostrando o racismo velado.



Fonte: Arquivo do projeto.

A partir da charge, é possível refletir que um dos obstáculos para se combater o racismo na nossa sociedade é justamente o fato de que as pessoas não se assumem racistas e fecham os olhos para essa discussão, o que impede uma mudança na mentalidade e nas atitudes. E foi isso que buscamos expor, ao ilustrarmos um grupo de jovens dentro de uma sala de aula e uma menina que para não se assumir racista, usa o tão conhecido argumento de que ela não poderia ser racista, pois “tem até amigos negros”, como se isso fosse uma justificativa que apagasse injúrias raciais que pudessem ser praticadas de forma proposital ou torná-la menos racista.

Nesta mesma linha de pensamento, entendemos que o estado brasileiro, pelo menos juridicamente, vem tentando sanar essa dívida histórica, mitigando o abismo social existente entre pessoas brancas e negras, por meio da criação de algumas políticas afirmativas, como por exemplo, a das cotas raciais, reservas de vagas em instituições públicas e privadas para pessoas pretas pardas ou indígenas. Percebemos que muitos indivíduos criticam a existência das cotas raciais, argumentando que elas são uma forma de racismo. Todavia, o negro ainda é alvo dos piores indicadores sociais. O fato é que pessoas brancas e negras têm oportunidades sociais distintas, por isso, as cotas vêm justamente para tentar proporcionar uma oportunidade de equidade, para que ambos possam partir e chegar a patamares socioespaciais semelhantes.

Nesta mesma linha de argumentação, identificamos que por volta de setembro de 2020, observamos que uma rede varejista brasileira publicou um programa de *trainee* exclusivamente para pessoas negras, e isso gerou um grande debate nas redes sociais. Por um lado, usuários elogiavam a iniciativa, entendendo-a como uma forma de reparação da desigualdade racial no mercado brasileiro, em contrapartida, outros criticavam, apontando que aquele ato era uma forma de “racismo reverso”. Com o intuito de problematizar este termo, desenvolvemos uma tirinha (figura 4) para sinalizar seus modos estruturantes numa dada situação.

Figura 4: Tirinha sobre o mito do racismo reverso.



Fonte: Arquivo do projeto.

Nessa tirinha, ilustramos uma empresa, composta apenas por pessoas brancas (ver o primeiro quadro). No segundo quadrinho, há um anúncio de uma oferta vagas de emprego exclusivamente para pessoas negras, e, por fim, no terceiro quadrinho, aparece um grupo de pessoas brancas, em um local com representações de espaços privilegiados, questionando o programa da loja, classificando-o como racista. Nessa produção, por meio da diferença entre o número de funcionários brancos e negros, tentamos mostrar ao leitor que o “racismo reverso” não existe, pois o racismo pressupõe uma discriminação pela cor da pele/traços estéticos e uma relação de poder entre o grupo opressor e o grupo oprimido. E como o negro não detém

esse poder, não faz sentido falar sobre racismo reverso, por isso o entendemos como uma falácia para tentar justificar determinados comportamentos.

Em relação ao fechamento da nossa pesquisa, que seria a criação de uma animação em vídeo, definimos, no mês de novembro de 2020, que iríamos criar uma animação sobre Dandara dos Palmares, expondo quem foi ela e sua representatividade para o povo negro. Conhecemos a história dela, através da leitura do livro “As lendas de Dandara” da escritora Brasileira Jarid Arraes. Em seguida, buscamos algumas músicas sobre Dandara para fazer com que a letra delas pudesse complementar o texto que produzimos, intitulado “Dandara: A lenda que fortalece e move o povo negro” e que seria narrado durante o vídeo por uma das participantes do projeto, respaldadas em imagens animadas desenhadas via quadro negro.

As músicas escolhidas foram “Dandara” de Bia Nogueira; “Dandara” de Nina Oliveira e “Dandara”, de Vanessa Borges, cada uma delas é som de fundo para um parágrafo do texto falado e aparecem, respectivamente, nessa ordem. As principais cenas que pensamos em inserir no vídeo foram: Dandara correndo até zumbi; libertando o povo negro dos grilhões dos seus senhores; o quilombo crescendo; os guerreiros palmarinos praticando capoeira; Dandara se jogando do penhasco para não virar escrava e se apagando; pessoas fazendo uma ciranda; e por fim, Dandara ganhando cor e sendo exaltada como heroína da pátria.

O projeto foi finalizado em março de 2021 com a entrega de quatro ilustrações (duas tirinhas e duas charges) que foram disponibilizadas à comunidade escolar do IFPB, por meio das redes sociais da instituição, como uma profícua oportunidade de se problematizar a segregação socioespacial, violação de direitos, racismo e o preconceito racial. Sobre a animação em vídeo, não conseguimos concluí-la a tempo, devido ao contexto pandêmico que estamos vivendo, todavia, pretendemos concluí-la em uma futura edição do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa por dados, produção de gráficos e HQs voltadas à temática da segregação socioespacial, nos possibilitou refletir sobre como ocorreu a expansão das cidades no Brasil, além de entender as dinâmicas do espaço urbano e sua relação com o surgimento da subalternidade social, através de um estudo crítico sob o espaço geográfico.

A partir do exercício de criação dos quadrinhos e de uma construção do protótipo de uma animação em vídeo voltadas à temática da negritude, pudemos refletir sobre o processo histórico, geográfico, cultural e social em que o sujeito negro está imerso e, também, conhecer, por meio da leitura, a história de heroínas negras como Dandara dos palmares e o que ela representou e representa para a comunidade negra. Com isso, queremos dizer que as

nossas pesquisas vislumbraram a alteridade, em uma relação de equidade, identificando as desigualdades e refletindo sobre as potencialidades do ser e tornar-se negro e negra.

Desse modo, a pesquisa trouxe uma quantidade muito significativa de novos conhecimentos para os envolvidos, tanto no campo da intelectualidade/profissional (desenvolvemos bastante o nosso senso crítico e passamos a enxergar e analisar a realidade por outras perspectivas), quanto no campo individual (consideramos que crescemos muito como pessoa que vive e experiencia uma realidade marcada pela exclusão étnico-racial).

Mediante o exposto, o nosso projeto pretende continuar e, em outro momento, concluir a animação em vídeo, além de abordar outras temáticas da subalternidade, como a do homossexual, a do pobre e da pessoa com deficiência, dentre outras possibilidades. Isso porque, pelo tempo limitado e contexto pandêmico, neste ano de desenvolvimento do projeto (2020-2021) não pudemos abordar outras personagens sociais além do negro e do morador de rua e nem outros fenômenos sociais além da segregação e favelização por conta da complexidade que as temáticas que pretendemos analisar se inserem e se situam.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. Editora da Cultura, 2016.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 14ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, J. M. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobrânszky. Campinas: Papirus, 1995.

LUYTEN, S. M. B. (Org.) **Histórias em Quadrinhos: leitura crítica**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

PAZZINI, Darlin Nalú Avila; ARAÚJO, Fabrício Viero de. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem**. 2013.

SEVERINO Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Revista de Ciência da Informação**. v.6 n.2 abr. 2005. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm Acesso em: 11 de abril de 2016.